

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

Os Irmãos de Mowgli
Quiquern



Rudyard Kipling

1

Esta é mais uma publicação

TAFARA

SÉRIE LIVRO DA JÂNGAL

Volume 1

- Os Irmãos de Mowgli

- Quiquern

1a. Edição: 500 exemplares

Autor: Rudyard Kipling

Capa e Edição: Carlos Alberto F. de Moura

Coordenação: Mario Henrique P. Farinon

Digitação: Norma Beatriz de Oliveira Brito

Tradução: Monteiro Lobato

Ilustração: Christian Broutin e Mariano Ramos

Porto Alegre, RS, 2002

EDIÇÃO IMPRESSA PELA DIRETORIA REGIONAL 2001/2003

Diretoria	Mario Henrique Peters Farinon
Diretoria	David Crusius
Diretoria	Márcio Sequeira da Silva
Diretoria	Ronei Castilhos da Silva
Diretoria	Oswaldo Osmar Schorn Correa

EDIÇÃO DIGITAL DISPONIBILIZADA PELA DIRETORIA REGIONAL 2004/2006

Diretoria	Ronei de Castilhos da Silva
Diretoria	Neivinha Rieth
Diretoria	Waldir Sthalschmidt
Diretoria	Paulo Roberto da Silva Santos
Diretoria	Leandro Balardin

COMITÊ GESTOR

Carlos Alberto de Moura
Marco Aurélio Romeu Fernandes
Mario Henrique Peters Farinon
Miguel Cabistani
Paulo Lamego
Paulo Ramos
Paulo Vinícius de Castilhos Palma
Siágrio Felipe Pinheiro
Tania Ayres Farinon



APRESENTAÇÃO

Na Páscoa de 1998, de 10 a 12 de abril, um grupo de escotistas e dirigentes reuniram-se, em um sítio denominado **TAFARA CAMP**, tomando para si a incumbência de suprir a lacuna deixada pela falta de definição do tema das Especialidades, concebeu e criou o que hoje constitui-se no Guia de Especialidades da UEB.

O mesmo grupo, na seqüência, participou decisivamente na elaboração dos Guias Escoteiro, Senior e Pioneiro.

Visto que este trabalho informal e espontâneo estava tendo resultados positivos, e, entendendo que a carência de instrumentos, principalmente literatura, é um grande obstáculo ao crescimento do Escotismo, resolvemos assumir como missão “disponibilizar instrumentos de apoio aos praticantes do Escotismo no Brasil”.

Este grupo, que tem sua composição aberta a todos quantos queiram colaborar com esta iniciativa, também resolveu adotar o pseudônimo **TAFARA** para identificar-se e identificar a autoria e origem de todo o material que continuará a produzir.

Os instrumentos que **TAFARA** se propõe a produzir, tanto serão originais, como também reproduções, traduções, adaptações, atualizações, consolidações, etc., de matérias já produzidas em algum momento, e que, embora sejam úteis, não mais estão disponíveis nos dias de hoje.

O material produzido por **TAFARA** é feito de forma independente e sem fins lucrativos. Não temos a pretensão de fazermos obras primas, mas instrumentos que possam auxiliar a todos quantos pratiquem Escotismo no Brasil.

Esta edição é feita para registrar e comemorar o Dia do Lobinho de 2002 e reproduz duas histórias do Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

Este livro faz parte de uma série de 7 volumes que serão lançados entre 2002 e 2003.

Este é mais um instrumento de apoio a suas atividades.

Aproveite!

Mario Henrique Peters Farinon
Diretor Presidente UEB/RS



OS IRMÃOS DE MOWGLI

*O Abutre Chil conduz a noite incerta
E que o morcego Mang ora liberta -
Ê esta a hora em que adormece o gado,
Pelo aprisco fechado.
É esta a hora do orgulho e da fôrça,
Unha ferina, aguda garra.
Ouve-se o grito: Boa caça àquele
Que à lei a Jângal se agarra.
Canto Noturno na Jângal.*

Nos montes de Seeonee, ali pelas sete horas daquele dia tão quente, Pai Lôbo despertava do seu longo sono, espreguiçava-se, bocejava e estirava as pernas para espantar a lombeira entorpecente. Deitada ao seu lado, com o focinho entre os quatro filhotes do casal, Mãe Lôba tinha os olhos fixos na lua



que naquele momento aparecia na boca da caverna.

- Ogreh! É tempo de sair de novo à caça, murmurou Pai Lôbo - e já ia deixando a caverna quando um vulto de cauda peluda assomou à entrada.

- Boa sorte para todos, ó Chefe dos Lôbos! exclamou o vulto. E também boa sorte e rijos dentes para esta nobre ninhada, a fim de que jamais padeçam fome no mundo.

Era o chagal Tabaqui, o Lambe-Pratos, que os lobos da Índia desprezavam por lhes viver à ilharga, a fazer pequenas maldades e a contar rodelas, quando não anda a fossaro monturo das aldeias para roer pedaços de couro. Mas seo desprezavam, também o temiam, porque era chagal e oschacais facilmente ficam loucos - e então esquecem o respeito devido aos mais fortes e percorrem a Jângal (1) mordendoquanto animal encontram.

Até o tigre foge, ou esconde-se, (1) «Jângal» em indostânico, derivado do sânscrito «jângala», deserto, significa deserto, floresta, mata virgem. Dele tiraram os ingleses a palavra «jungle» com o sentido geral de mata virgem tropical, sobretudo quando apresenta os característicos das florestas que recobrem as terras baixas da Índia (Webster). A Pronúncia tanto em inglês como em indostânico é a mesma - jângal quando vê um pequeno tabaqui louco, sendo, como é, a loucura, a coisa mais desagradável que existe para um habitante da Jângal. Os sábios chamam a isso hidrofobia; os animais dizem simplesmente «dewanee» - loucura.

- Entra, disse-lhe Pai Lôbo, mas desde já te digo que não há nada de comer aqui.

- Não haverá para um lobo, respondeu Tabaqui. Para criatura mesquinha como eu, um osso velho vale por banquete.

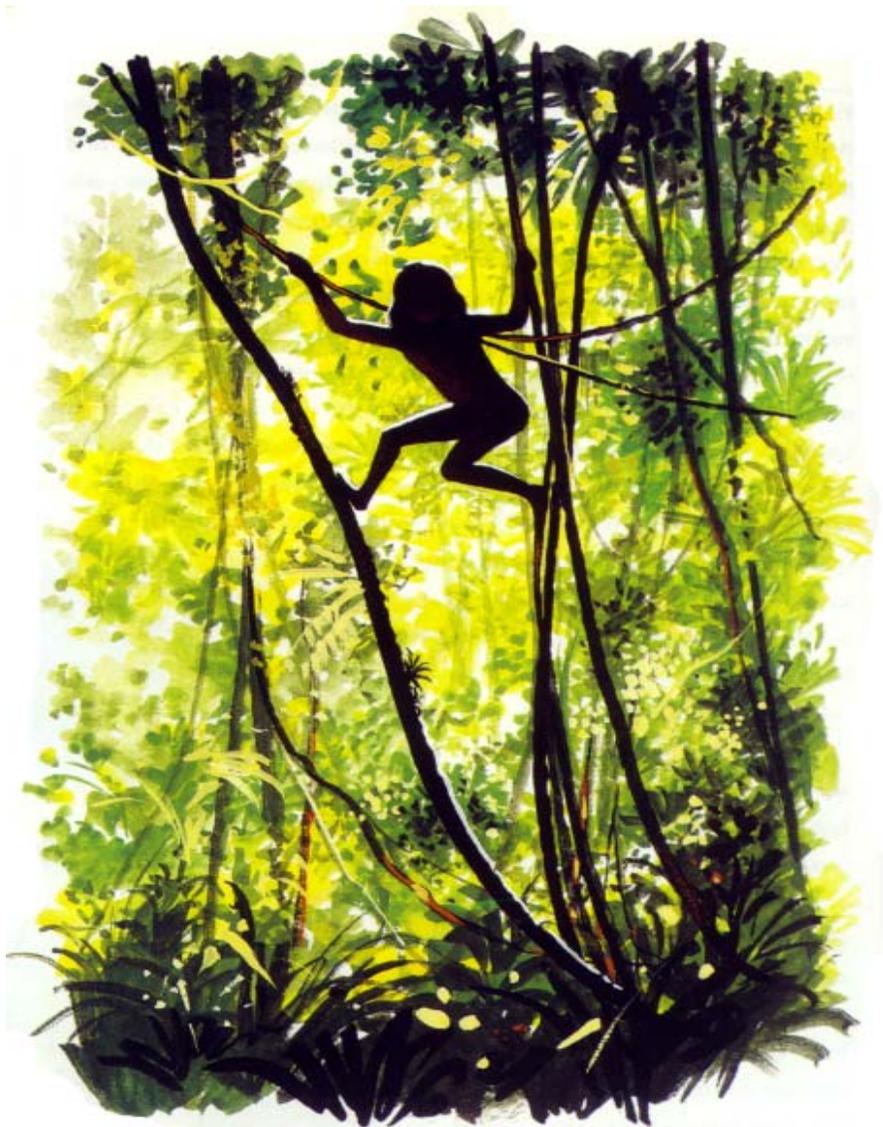
Quem somos nós, os Gidur-log (raça dos chacais) para escolher? , isto dizendo, dirigiu-se, guiado pelo faro, a um canto da caverna onde havia uns ossos de gamo com uma pouca de carne, que se pôs a roer alegremente.

Muito obrigado por êste delicioso petisco, disse Tabaqui sem interromper o serviço, lambendo os beiços. E depois:

Que lindos filhos os teus, Pai Lôbo! Olhos assim tão grandes jamais vi. Não negam serem filhos de rei.

Tabaqui sabia muito bem que é imprudente elogiar crianças na presença delas, e se daquele modo elogiava os filhotes do lobo fazia-o apenas para ver o mal-estar causado aos pais. Assim, sempre roendo o seu osso, sentou-se sobre as patas traseiras e ficou um instante calado, a gozar a maldadezinha; depois disse com malignidade:





- Shere Khan, o Turuna, mudou seu campo de caça. Vai agora prear por estes montes, conforme me informou.

Shere Khan era o tigre que morava às margens do Waingunga, a cinco léguas dali.

- Shere Khan não tem o direito de fazer isso! Protestou Pai Lôbo irritado. Pela Lei da Jângal, não tem o direito de mudar de campo sem prevenir os moradores. A presença aqui de Shere Khan vai aterrorizar a caça num raio de dez milhas - e eu... e eu tenho de caçar por dois, nestes tempos que correm.

- Não é à toa que a mãe de Shere Khan lhe chama Lungri (o aleijado), disse Mãe Lôba. Ficou manco numa pata logo que nasceu; por isso só se alimenta de gado. Agora, como os habitantes humanos do Waingunga andam furiosos com êle, o estúpido pensa em mudar-se para aqui a fim de também enfurecer os homens desta zona. Vão êles limpar a floresta quando Shere Khan estiver ausente - e nós e nossos filhotes seremos forçados a correr muito quando a macega estiver batida. Bastante gratos devemos todos ficar, não resta dúvida, ao tal Shere Khan!

- Posso contar a êle da tua gratidão? perguntou com ironia o chacal.

- Fora daqui! berrou Pai Lôbo enfurecido com a impertinência. Vai caçar com teu mestre, que já nos aborreceste bastante por hoje,

- Vou, sim, respondeu Tabaqui muito calmo. Já estou ouvindo o rumor de seus passos por entre os arbustos.

Pai Lôbo espichou as orelhas. De fato distinguiu, vindo do vale por onde corria um riacho, o bufo colérico dum tigre que nada caçara e não fazia empenho de que toda a Jângal soubesse disso.

- Doido! exclamou Pai Lôbo. Começar sua caçada noturna bufando dessa maneira... Pensa acaso que os cabritos monteses desta zona são os bezerros gordos do Waingunga?

- Ele não está caçando cabrito, nem bezerro, advertiu Mãe Lôba. Está caçando homem. . .

Os bufos haviam mudado para uma espécie de rosnar sem direção. Esse rosnar sem direção, que parece vir dos quatro pontos cardeais, desorienta os lenhadores e ciganos que dormem ao relento, fazendo-os, às vêzes, correr justamente para as goelas do tigre.

- Caçando homem! repetiu Pai Lôbo com os dentes arreganhados. Não tem êsse tigre bastantes rãs nos charcos para assim meter-se a comer gente - e logo em nossos domínios?

A Lei da Jângal, que nada prescreve sem razões, proíbe a todos os animais que comam homens, exceto quando algum dêles está matando para ensinar aos filhos como se mata. O motivo disto é que, quando comem um homem, cedo ou tarde aparecem no lugar homens brancos montados em elefantes e rodeados de centenas de homens pardos com archotes e gongos -



e então a floresta inteira sofre. Mas a desculpa que os animais apresentam para que o homem seja respeitado é que constitui êle a mais fraca e indefesa de todas as criaturas, sendo portanto covardia atacá-lo. Dizem também - e é verdade - que os comedores de homens se tornam sarnentos e perdem os dentes.

O rosar do tigre crescia de tom, terminando afinal por um urro - «Aaarh!», sinal de bote. Em seguida um uivo de desapontamento.

- Errou o pulo, disse Mãe Lôba. Que terá acontecido?

Pai Lôbo correu para fora e logo parou, a fim de ouvir melhor os uivos ferozes de Shere Khan, que uivava como se houvesse caído em mundéu.

- O doido atirou-se a uma fogueira de lenhadores e queimou as patas, disse Pai Lôbo. E Tabaqui está com êle, completou depois, adivinhando de longe o que se passava.

- Algo se aproxima, pressentiu de súbito Mãe Lôba torcendo uma orelha. Atenção!

Também ouvindo rumor na folhagem, Pai Lôbo ficou de pulo armado para o que desse e viesse. Aconteceu então uma coisa linda: um pulo que se deteve a meio caminho. Porque o lobo iniciara o pulo antes de saber do que se tratava, e, já no ar, vendo o que era, recolheu o resto do pulo, voltando à posição anterior.



- Homem! exclamou êle. Um filhote de homem!

Bem defronte, de pé, apoiado a um galhinho baixo, havia surgido um menino nu, de pele morena, que mal começava a andar - uma isca de gente como jamais aparecera outra em nenhuma caverna de fera. O menino olhava para Pai Lôbo, a sorrir.

- Filhote de homem? repetiu de longe Mãe Lôba. Jamais vi um. Traze-o cá.

Acostumados a lidar com as suas próprias crias, os lobos sabem conduzir um ovo na boca sem o quebrar; por isso pôde Pai Lôbo trazer o pequeno suspenso pelo congote e depô-lo no meio da sua ninhada sem lhe causar o menor arranhão.

- Que pequenino! Como está nu e que valente é! exclamou Mãe Lôba com ternura, enquanto a criança se ajeitava entre os lobinhos para melhor aquecer-se. Ai! Continuou a loba. Está comendo a comida dos nossos filhos - e é um

filhote de homem... Será que já houve família de lobos que pudesse gabar-se de ver um filhote de homem misturado à sua ninhada?

- Já ouvi falar de coisa assim, disse Pai Lobo, mas não em nosso bando, nem em tempo de minha vida. Está completamente sem cabelos e morreria com um tapinha meu. Mas, veja! Olha-nos sem medo nenhum. . .

Nisto a caverna escureceu: a cabeça quadrada de Shere Khan obstruía-lhe a entrada. Atrás do tigre vinha Tabaqui, dizendo:

- Meu senhor, meu senhor, «ê!e!» meteu-se por aqui.

- Shere Khan nos faz grande honra, disse Pai Lobo amavelmente, à guisa de saudação ao tigre, embora o ódio dos seus olhos desmentisse a gentileza das palavras. Que deseja, Shere Khan?

- Quero a minha caça: um filhote de homem que entrou nesta cova, respondeu o tigre. Seus pais fugiram. Entregai-mo.

Shere Khan lançara-se contra um acampamento de lenhadores, exatamente como o lobo havia previsto, e estava agora furioso com a dor das queimaduras. Queria vingar-se no menino que conseguira escapar. Mas Pai Lobo sabia que a entrada da caverna era estreita demais para dar passagem a um tigre e que, portanto, a cólera daquele não oferecia perigo nenhum, Em vista disso respondeu:

- Os lobos são um povo livre. Recebem ordens unicamente do seu chefe e jamais de nenhum comedor de bezerros. O filhote de homem é nosso - para o matarmos, se quisermos.

- Se quisermos! repetiu com sarcasmo o tigre. Quem fala aqui em querer? Pelo touro que matei, não posso ficar nesta caverna de cães à disposição de tais querereres. Sou eu, Shere Khan, quem fala, ouviste?

E o rugido do tigre encheu a caverna, qual um trovão. Mãe Loba achegou-se dos seus filhotes, fixando nos olhos flamejantes do tigre os seus olhos vivos como duas luzezinhas verdes.

- Quem responde agora sou eu, disse ela, eu, Raksha (a Demônia). O filhote de homem é nosso, Lungri, só nosso! Não será morto por ti. Viverá, para correr pelos campos com o nosso bando e com êle caçar; e por fim - presta bastante atenção, ó caçador de crianças, ó comedor de rãs e peixe - e por fim te caçará a ti, um dia! Vai-te agora! Pelo Sambhur que matei (porque não caço bezerros gordos), vai para tua mãe, ó tigre chamuscado e mais manco do que nunca! Vai-te!



Pai Lobo olhou-a assombrado. Já era vaga a sua lembrança do dia em que conquistara aquela companheira em luta feroz com cinco rivais - no tempo em que a loba vagueava solteira no bando e ainda não recebera o nome de guerra que possuía agora - Raksha, a Demônia.

Shere Khan tinha podido sustentar o olhar do lobo pai, mas não pudera sofrer o olhar da loba mãe, firme da sua posição e pronta a bater-se em luta de morte. Shere Khan retirou da abertura da caverna a cabeçorra quadrada para depois duns bufos de cólera urrar:

- Os cães sabem ladrar de dentro dos canis! Havemos de ver o que pensa a Alcatéia, disso de abrigar e defender filhotes de homem. Esse bichinho é meu e nos meus dentes será triturado, ó cambada de ladrões de rabo de espanador!

O tigre retirou-se a bufar e a loba voltou ofegante para o meio da sua ninhada. O lobo disse então gravemente:

- Shere Khan está com o direito neste ponto. O filhote de homem tem de ser apresentado à Alcatéia para que os lobos decidam da sua sorte, Queres conservá-lo contigo?

- Sim, respondeu de pronto a loba. Ele veio nuzinho, de noite, só e faminto. Apesar disso, não mostrou o menor medo. Olha! Lá está puxando um dos nossos filhotes... E pensar que por um triz aquêlê carniceiro aleijado não o matou aqui em nossa presença, para depois, muito fresco, escapar-se do Waingunga enquanto os camponeses fizessem razia em nossas terras! Conservá-lo comigo? Pois decerto! (E voltando-se para a criança nua): Dorme sossegada, pequenina rã. Dorme, Mowgli - pois assim te chamarei doravante, Mowgli, a Rã. Dorme, que tempo há de vir em que caçarás Shere Khan, como te quis êle caçar inda há pouco. ‘

- Mas que dirá a Alcatéia? indagou Pai Lobo apreensivo.

A Lei da Jângal permite que cada lobo deixe a Alcatéia logo que se case. Mas assim que seus filhotes desmamam os pais têm de levá-los ao Conselho, geralmente reunido uma vez por mês durante a lua cheia, para que os outros os fiquem conhecendo e os possam identificar. Depois dessa apresentação os lobinhos entram a viver livremente, podendo andar por onde quiserem. E até que hajam caçado o primeiro gamo, nenhum lobo adulto tem o direito de matar a um deles, por qualquer motivo que seja. A pena contra êsse crime consiste na morte do criminoso. Assim é, e assim deve ser.

Pai Lobo esperou que seus filhotes desmamassem e, então, numa noite de assembléia, dirigiu-se com Mãe Loba, Mowgli, e seus filhotes para o ponto marcado - a Roca do Conselho, um pedregoso alto de montanha onde cem lobos poderiam ajuntar-se. Akela, o Lobo Solitário, que chefiava o bando graças à sua força e astúcia, já lá estava, sentado na sua pedra, tendo pela



frente, também sentados sôbre as patas traseiras, quarenta ou mais lóbos de todos os pêlos e tamanhos, desde veteranos ruços que podem sozinhos carregar um gamo nos dentes, até jovens de três anos que «julgam» poder fazer o mesmo. O Solitário, os chefiava, ia fazer um ano. Por duas vêzes caíra em mundéu, quando mais jovem, e numa delas viu-se batido a ponto de ficar por terra, como morto. Em virtude disso tinha experiência da malícia dos homens, suas táticas e jeitos.

Houve pouca discussão na assembléia. Os filhotes que vieram para ser apresentados permaneciam no meio do bando, ao lado de seus pais. De vez em vez um veterano chegava-se até êles, examinava-os cuidadosamente e retirava-se. Ou então uma das mães empurrava o pequeno para ponto onde pudesse ficar bem visível de modo que não escapasse às vistas de toda a Alcatéia. Do seu rochedo Akela dizia:

- Vós conheceis a Lei. Olhai bem, portanto, ó Lóbos, para que mais tarde não haja enganós.

E as mães, sempre ansiosas pela segurança dos filhos, repetiam:

- Olhai bem, ò Lobos. Olhai bem.

Por fim chegou a vez de Mãe Loba sentir-se aflita. Pai Lobo empurrava Mowgli, a Rã, para o centro da roda, onde o filhotinho de homem se sentou, sorridente, a brincar com uns pedregulhos que brilhavam ao luar.

Sem erguer a cabeça de entre as patas, prosseguia Akela no aviso monótono do «Olhai bem, ó Lobos», quando ressoou perto o rugido de Shere Khan:

- Ésse filhote de homem é meu! Entregai-mo! Que tem o Povo Livre com um filhote de homem? urrava ele.

Akela, sempre impassível, nem sequer pestanejou. Apenas ampliou o aviso:

- Olhai bem, ó Lobos. O Povo Livre nada tem que ver com as opiniões dos que não pertencem à sua grei. Olhai, olhai bem.

Ouviu-se um côro de uivos profundos, do meio do qual se destacou, pela bôca dum lobo de quatro anos, que achará justa a reclamação do tigre, esta pergunta:

- Sim, que tem a ver o Povo Livre com um filhote de homem?

A Lei da Jângal manda que em casos de dúvida quanto ao direito de algum ser admitido pela Alcatéia, seja êsse direito defendido por dois membros do bando que não seus pais.

- Quem se apresenta para defender êste filhote? gritou Akela. Quem, no Povo Livre, fala por êle?

Não houve resposta - e Mãe Loba preparou-se para luta de morte, caso o incidente tivesse desfecho contrário ao que o seu coração pedia.

A única voz, sem ser de lobo, permitida no Conselho era a de Baloo, o sonolento urso pardo que ensinava aos lobinhos a Lei da Jângal, o velho Baloo que podia andar por onde lhe aprouvesse porque só se alimentava de nozes, raízes e mel, além de que sabia pôr-se de pé sôbre as patas traseiras e grunhir.

- Quem fala pelo filhote de homem? Eu. Eu de declaro por êle. Não vejo mal nenhum em que viva entre nós. Embora não possua eloqüência, estou dizendo a verdade.

Deixai-o viver livre na Alcatéia como irmão dos demais. Baloo lhe ensinará as leis da nossa vida.

- Outra voz que se levante, disse Akela. Baloo já falou, Baloo, o mestre dos lobinhos. Quem fala pelo filhote além de Baloo?



Uma sombra projetou-se no círculo formado pelos lobos, a sombra de Bagheera, a Pantera Negra, realmente côr de ébano, com vivos reflexos de luz na sua pelagem de sêda. Todos a conheciam e ninguém se atravessava em seu caminho. Bagheera era tão astuta como Tabaqui, tão intrépida como o búfalo e tão incansável como o elefante ferido. Tinha entretanto a voz doce como o mel que escorre dum galho e a pele mais macia do que o veludo.

- Ò Akela e mais membros do Povo Livre! Direito não tenho de falar nesta assembléia, mas a Lei da Jângal diz que, se há dúvida quanto a um nôvo filhote, pode a vida dêle ser comprada por um certo preço. A Lei, entretanto, não declara quem pode ou quem não pode pagar êsse preço. Estou certa?

- Sim, sim! gritaram os lobos mais moços, eternamente esfaimados. Ouçamos Bagheera. O filhote de homem pode ser comprado por um certo preço. É da Lei.

- Bem, disse a pantera. Já que me autorizais a falar, peço licença para isso.

- Fala! Fala! gritaram trinta vozes.

- Matar um filhotinho de homem constitui pura vergonha - além de que êle pode ser muito útil a todos nós quando crescer. Em vista disso, junto-me a Baloo e ofereço o touro gordo que acabo de matar a menos de milha daqui como preço de o receberdes na Alcatéia, de acôrdo com a Lei. Aceitais a minha proposta?

Houve um clamor de dezenas de vozes que gritaram:

- Não vemos mal nisso, De qualquer maneira ele morrerá na próxima estação das chuvas, ou será queimado pelo sol. Que dano nos pode fazer a vida dessa rãzinha nua? Que fique na Alcatéia. Onde está o touro gordo, Bagheera? Aceitamos tua proposta.

Cessada a grita, ressoou a voz grave de Akela:

- Olhai bem, ó Lobos.

Mowgli continuava profundamente absorvido com os seus pedregulhos, sem dar nenhuma atenção aos que dêle se achegavam para o ver bem de perto. Por fim todos se dirigiram para onde estava o touro gordo, ficando ali apenas Akela, Bagheera, Baloo e o casal de tutores do menino.

Shere Khan urrava de despeito por ter perdido a presa cobiçada.

- Urra, urra! rosou Bagheera entre dentes. Urra, que tempo virá em que esta coisinha nua te fará urrar noutra tom - não fôsse um filhote de homem...

- Está tudo bem, disse Akela. O homem e seus filhotes são espertos. Poderá êste vir a ser de muita vantagem para nós um dia.

- Certamente, porque não podemos, eu e tu, ter a pretensão de chefiar o bando tôda a vida, ajuntou Bagheera.

Akela calou-se. Estava a pensar no tempo em que os chefes de Alcatéia entram a sentir o pêso dos anos. A força dos músculos vai em declínio até que outro surge, que o mata e fica o nôvo chefe - para decair também a seu tempo.

Leva-o, disse Akela a Pai Lobo, e trata de bem educá-lo para que seja útil ao Povo Livre.

Eis como entrou Mowgli para a Alcatéia - à custa dum touro gordo e por iniciativa das palavras de Baloo.

Pulemos agora dez anos de descrição da vida de Mowgli entre os lóbos, coisa que daria matéria para todo um volume. Digamos apenas que ali cresceu entre os lobinhos, embora todos ficassem adultos antes que Mowgli deixasse de ser criança. Pai Lôbo ensinou-lhe a vida e a significação das coisas da Jângal em tôdas as suas minudências. Os menores rumores nas ervas, o movimento das brisas, as notas do canto da coruja, cada arranhadura que a garra dos morcegos deixa na casca das árvores onde se penduram por um momento, a lambada n'água de cada peixinho ao dar pulos na superfície - tudo significa muito para os animais da floresta.



Quando Mowgli não estava aprendendo, sentava-se ao sol para dormir, Depois comia, e depois de comer punha-se a dormir de novo. Quando se sentia sujo, ou encalorado, banhava-se nas lagoas da Jângal, e quando queria mel (Baloo lhe ensinara que mel e nozes constituem alimentos tão bons como a carne) trepava às árvores para colhê-lo nas colmeias. Com Bagheera aprendera a trepar em árvores. A pantera costumava saltar sobre um galho e dizer-lhe: «Venha Irmãozinho!» A princípio Mowgli trepava qual o bicho-preguiça; por fim adquiriu a rapidez e destreza dos velhos macacos. Um dia começou a ter o seu lugar no Conselho. Sentava-se entre os lobos e brincava de encara-los a fito, até que baixassem os olhos. Frequentemente tirava espinhos das patas de seus irmãos lobos. Também costumava descer o morro durante a noite, para aproximar-se das aldeias e espiar os homens. Adquirira, entretanto, uma

grande desconfiança dos homens desde que Bagheera lhe mostrou um mundéu feito em certo ponto da floresta, habilmente oculto por fôlhas sêcas. O que mais agradava a Mowgli era ir com Bagheera aos espessos da Jângal para lá dormir enquanto a pantera caçava, Bagheera ensinou-lhe a caçar, como caçar e o que caçar. Aos touros, por exemplo, tinha de respeitar, porque devera sua entrada na Alcatéia à vida dum touro.

- Toda a Jângal é tua, disse-lhe Bagheera, e tens o direito de matar sempre que te sentires bastante forte para isso; mas, por amor ao touro ao qual deves a vida, tens que poupar o gado, seja velho ou nôvo. Esta é a Lei da Jângal.

Mowgli, que sempre a ouvia respeitosamente, jamais deixou de a seguir naqueles mandamentos.

E assim cresceu - e cresceu forte como tôdas as criaturas que não sabem que estão aprendendo as lições da vida e nada mais têm a fazer no mundo além de comer.

Mãe Lôba disse-lhe certa vez que Shere Khan não era criatura em quem se confiasse, e que êle estava predestinado a matar Shere Khan. Um lobinho nôvo que isto ouvisse o guardaria na memória para o resto da vida. Mowgli, porém, que, embora se considerasse lobo, era homem, breve o esqueceu.

Shere Khan andava sempre a atravessar-se em seu caminho. À medida que Akela envelhecia e se tornava mais fraco, o tigre mais e mais se achegava dos jovens lobos, que o seguiam na caça para pegar lambujem - coisa que o Lobo Solitário jamais autorizaria, se ainda pudesse manter a sua autoridade dos bons tempos. Por isso Shere Khan costumava elogiá-los, admirando-se de que lobos moços e fortes se sujeitassem à chefia dum lobo decrépito, assistido de um filhote de homem.

- Dizem por aí, intrigava êle, que nas reuniões do Conselho nenhum de vós ousa sustentar o olhar dêsse menino - e ao ser recordado isto todos os lobos rosnavam coléricos.

Bagheera, cujos olhos e ouvidos andavam por toda a parte, soube da intriga e por várias vêzes avisou Mowgli de que Shere Khan tencionava matá-lo. Mowgli ria-se, respondendo:

- Tenho por mim a Alcatéia, e tenho também a ti. E tenho ainda a Baloo, que apesar de preguiçoso dará bons tapas em minha defesa, Por que, pois, recear Shere Khan?

Certa tarde muito quente Bagheera veio com uma nova idéia, que talvez Ikki, o Porco-espinho, lhe houvesse sugerido. Estavam no mais espêso da floresta, Mowgli deitado, com a cabeça em repouso sôbre o pêlo macio da pantera.

- Mowgli, disse Bagheera, quantas vezes já te disse que Shere Khan é teu inimigo?

- Tantas quantos cocos há naquela palmeira, respondeu o menino, que ainda não sabia contar. Mas que tem isso, Bagheera? Estou com sono, sabes? Shere Khan não me interessa mais do que Mao, o Pavão.

- Não é tempo de dormir, replicou a pantera. Baloo sabe disso. A Alcatéia sabe disso. Os veados, louquinhos que são, sabem disso. E até Tabaqui já te avisou.

- Ora, ora! exclamou Mowgli com desprezo. Tabaqui veio-se a mim, não faz muito tempo, com certas impertinências - que eu era filhote de homem e outras. Agarrei-o pela cauda e malhei-o duas vezes de encontro a um coqueiro, para ensiná-lo a ser menos atrevido.

- Foi imprudência, porque embora Tabaqui seja um mal feitor mesquinho, te-te-ia pôsto ao corrente de algo proveitoso para ti. Abre os olhos, Irmãozinho. Shere Khan não ousa matar-te aqui na Jângal; mas não te esqueças de que Akela envelhece e breve chegará o dia em que não mais poderá ele abater um gamo. Estará então no fim da sua longa chefia. Muitos dos lobos aos quais foste apresentado no Conselho também estão velhos - e a geração nova pensa pela cabeça de Shere Khan. Todos admitem, com o tigre, que não há lugar na Alcatéia para filhotes de homem. E dentro em pouco serás mais que isso. . . , serás homem. . .

- E que é ser homem? Não poderá um homem viver com seus irmãos lóbos na Alcatéia? replicou o menino. Sou da Jângal, tenho obedecido à Lei da Jângal, e não existe no bando um só lobo ao qual eu não haja tirado espinhos das patas. Tenho a certeza de que todos me têm como irmão.

Bagheera espreguiçou-se, com os olhos semicerrados.

- Irmãozinho, disse ela, apalpa o meu pescoço.

Mowgli o fez - e na sedosa pele do pescoço de Bagheera descobriu um ponto pelado e caloso.

- Ninguém na Jângal sabe que tenho esta marca – esta marca de coleira. Sim, meu caro Irmãozinho, nasci entre homens e foi entre homens que minha mãe morreu, nas jaulas do Palácio do Rei de Odeypore. Por êsse motivo é que te salvei na reunião do Conselho, quando não passavas de criancinha nua. Sim - por isso, por ter nascido também entre homens! Anos vivi sem conhecer a Jângal. Era alimentada através de barras de ferro, e assim até o dia em que me senti plenamente Bagheera - a Pantera, e não mais brinquedo de ninguém. Quebrei os ferrolhos da jaula com um tapa. E justamente porque aprendi muito com os homens é que me tornei mais temível na Jângal do que o próprio Shere Khan. Não está certo?

- Perfeitamente, respondeu Mowgli. Todos na floresta temem Bagheera. Todos. . . , exceto Mowgli!

- Oh, tu és um filhote de homem, respondeu Bagheera com ternura, e, assim



como retornei à Jângal, retornarás um dia para os homens - para teus irmãos, caso não sejas morto no Conselho. . .

- Por quê? Por que quererá alguém matar-me aqui? interpelou o menino.

- Olha para mim, respondeu Bagheera - e Mowgli olhou-a firme nos olhos, fazendo que a pantera desviasse a cabeça em menos de meio minuto. Por isto, concluiu ela; nem eu, que nasci entre homens e tenho por ti amor, posso sustentar a força dos teus olhos, Irmãozinho. Todos cá te odeiam porque não podem sustentar teu olhar, porque és engenhoso porque sabes a arte de arrancar espinhos das nossas patas - porque és homem, em suma.

- Eu ignorava semelhante coisa.., disse Mowgli com tristeza, franzindo a testa sobrancehada.

- Que manda a Lei da Jângal? Primeiro, dar o golpe; depois, fazer o que quiser. Pelo teu desprezo a êste mandamento êles conhecem que és homem. Mas sê prudente! Pressinto que no dia em que Akela errar pela primeira vez o bote (e é já com esforço que êle evita isso) a Alcatéia inteira se voltará contra êle - e contra ti. Reunir-se-á o Conselho lá nas Rocas e então. . .

Isto dizendo Bagheera ergueu-se dum salto, excitada. E continuou:

- Vai depressa lá embaixo, à aldeia, e traze a Flor Vermelha que cresce em todas as casas. Assim, quando chegar o dia em que tenhas necessidade dum amigo mais forte do que Bagheera ou Baloo, te-lo-ás na Flor Vermelha.

A Flor Vermelha para Bagheera significava o Fogo, esse elemento de que as criaturas da Jângal têm medo profundo e ao qual nomeiam e descrevem de mil modos diferentes.

- A Flor Vermelha! replicou Mowgli pensativo. A Flor Vermelha que cresce nas cabanas durante a noite! Sim, trarei uma muda...

- Bravos! exclamou a pantera. Dêsse modo deve falar um filhote de homem. Não te esqueças de que essa flor cresce em pequenos fogareiros. Traze-a e conserva-a num dêles a fim de que permaneça viva até o momento de a usares.

- Muito bem, disse Mowgli, Mas estás segura, ó minha cara Bagheera - e isto dizendo lançou o braço em tomo do pescoço esplêndido da pantera, olhando-a no fundo dos olhos - estás segura de que todo o mal provem de Shere Khan?

- Pelo Ferrôlho que minha pata quebrou, tenho a certeza disso, Irmãozinho.

- Então, pelo Touro que foi dado em troca da minha liberdade, ajustarei contas com Shere Khan e o farei pagar um pouco mais do que deve! concluiu Mowgli dando um salto de decisão.

- É um homem, um homem em tudo! murmurou Bagheera consigo mesma enquanto se deitava de novo. Shere Khan, que mau negócio fizeste há dez anos, quando tentaste caçar esta rãzinha nua!...

Mowgli correu pela Jângal com o coração a arder. Alcançou a caverna dos lobos ao cair da noite e, tomando fôlego, lançou os olhos para o vale, lá embaixo. Os lobinhos estavam ausentes; Mãe lôba, entretanto, no recesso da caverna, conheceu logo, pelo modo de Mowgli respirar, que qualquer coisa perturbava o espírito da sua rã adotiva.

- Que há, filho? perguntou ela.

- Intrigas de Shere Khan, respondeu Mowgli. Depois: Vou caçar esta noite nos arredores da aldeia, declarou, e afastou-se morro abaixo rumo ao vale.

Em certo ponto parou, ao sentir que a Alcatéia andava à caça; percebeu o resfôlego dum Sambhur perseguido; ouviu depois os gritos cruéis dos lobos jovens dizendo:

- Akela! Akela! Deixemos que o Lobo Solitário mostre a sua força. Afastemos todos! Deixemos que o Chefe avance sozinho. Vamos! Dá o bote Akela!

E o Lobo Solitário devia afinal ter errado pela primeira vez o bote, porque

Mowgli ouviu um bater de dentes em seco e o grito dum gamo que derruba o seu assaltante a coice.

Mowgli não esperou por mais; continuou apressado o seu caminho rumo à aldeia, enquanto ao longe os uivos e ladridos da Alcatéia se iam amortecendo na distância.

- Bagheera disse a verdade, murmurou o menino ofegante ao alcançar a primeira cabana. O dia de amanhã vai ser decisivo para o Lobo Solitário e para mim.

Espiou por uma janela aberta... Viu fogo aceso no fogão. Esperou. Viu a dona da casa levantar-se do seu canto para ir aticá-lo e pôr mais lenha. E quando a madrugada veio e tudo fora se fêz neblina branca e fria, viu o filho daquela mulher levantar-se, encher uma vasilha de barro com brasas para subir com ela em direção ao curral das vacas.

- É assim? pensou Mowgli. Se um filhote de mulher lida com a Flor Vermelha, então nada há que temer, e saindo dali foi esperar o menino mais adiante, onde pudesse arrancar-lhe das mãos a vasilha de brasas para fugir com ela.

Fêz isso num relance, deixando o rapazinho a berrar de susto.

- São êles tal qual eu, murmurou Mowgli enquanto soprava as brasas, como tinha visto o menino fazer. Esta «coisa» morrerá se não lhe dou comida, murmurou depois, pondo sobre as brasas um punhado de gravetos. A meio morro veio-lhe ao encontro Bagheera, com o reluzente lombo negro orvalhado pela neblina da manhã.

- Akela errou o bote ontem, disse a pantera. Eles o teriam matado nessa hora, se não desejassem fazer o mesmo a ti, para que ambos acabem juntos, Andaram a tua procura por tôda a Jângal.

- Estive na aldeia, donde vim armado, veja! e Mowgli apresentou-lhe a panela de brasas vivas.

- Ótimo! Muitas vêzes vi os homens botarem galhos secos sôbre isso, fazendo abrirem-se grandes flôres vermelhas. Não tens mêdo, Mowgli?

- Não. Por que teria medo? Lembro-me agora – se não é sonho - que antes de ser lôbo costumava deitar-me ao lado da Flor Vermelha, cujo calor é reconfortante.

Todo aquêle dia passou Mowgli sentado em sua caverna, a lidar com as brasas, alimentando-as com galhinhos secos para ver crescerem as chamas, e depois com galhos maiores até que conseguiu um tição que o satisfez. À tarde apareceu Tabaqui a lhe dizer, com insolência, que o estavam esperando no Conselho da Roca. Mowgli riu-se tanto ao ouvir a notícia que Tabaqui se retirou desnorreado. E foi ainda a rir-se que se apresentou à reunião do Conselho.

Viu lá Akela, o Lobo Solitário, não mais sentado em cima, mas ao lado da sua pedra - sinal de que a chefia do bando estava aberta aos pretendentes. Shere Khan passeava dum lado para outro, seguido e bajulado pelos lobos que lhe viviam à lambujem. Bagheera veio colocar-se junto de Mowgli, o qual tinha sôbre os joelhos a panela de fogo. Quando todos se reuniram, Shere Khan tomou a palavra - coisa que jamais acontecera no tempo da chefia de Akela.

- Shere Khan não tem êsse direito, cochichou Bagheera para Mowgli. Dize-lhe isso. Chama-lhe filho de cão. Vai amedrontar-se, verás.

Mowgli saltou de pé.

- Povo Livre, gritou êle, então é certo que vai Shere Khan chefiar agora a Alcatéia? Que tem a ver um tigre com a nossa vida?

- Vendo que a chefia do bando está aberta e sendo convidado a falar..., começou o tigre. Mas foi interrompido.

- Convidado por quem? gritou Mowgli, Somos acaso chacais, dos que vivem dos teus restos? A chefia do bando é negócio que só a nós diz respeito.

Houve uivos de «Cala a bôca, filhote de homem! Deixa-o falar! Shere Khan guarda os preceitos da nossa Lei». Por fim os lobos mais velhos urraram:

- Que fale o Lobo Morto!

Quando um chefe de bando perde pela primeira vez o bote, passa a ser chamado Lobo Morto até que lhe tirem a vida.

Akela ergueu lentamente a velha cabeça.

- Povo Livre, disse êle, e também vós, chacais de Shere Khan! Por muitas estações vos conduzi à caça e nunca em meu tempo nenhum caiu em mundéu, nem ficou aleijado. Agora confesso que perdi meu bote - mas vós sabeis da conspiração que para isso houve. Sabeis como tudo foi preparado para que eu perdesse meu bote. Foi manha bem hábil, reconheço. Tendes, entretanto, o direito de matar-me neste Conselho. Assim sendo, que venha a mim o que vai pôr têrmo à vida do Lobo Solitário. Pela Lei da Jângal, é meu direito lutar contra todos, um por um.

Houve um prolongado rosar, pois nenhum lôbo se atrevia a lutar sozinho com Akela. Shere Khan, então, urrou:

- Bah! Para que darmos atenção a êste pateta sem dentes? Êle está condenado a morrer. Também o filhote de homem já viveu muito. Povo Livre, lembrai-vos de que no começo êsse filhote foi meu - minha comida. Dai-mo agora. Ando cansado de aturar suas loucuras de homem-lobo. Vem êle perturbando a Jângal há dez



estações. Entregai-me o filhote de homem, ou caçá-lo-ei sem licença, não vos dando nem um osso sequer. É um homem, um filhote de homem e, pelo tutano dos meus ossos, eu o odeio!

Então metade do bando uivou:

- Um homem! Um homem! Que tem um homem de comum conosco? Que vá viver com os homens.

- Para que tôda a aldeia se volte contra nós movida por êle? exclamou Shere Khan. Não! Dai-mo. Ele é homem. Bem sabeis que nenhum de nós pode sustentar o seu olhar.

Akela ergueu de nôvo a sua velha cabeça para dizer:

- Mowgli comeu a nossa comida. Dormiu conosco na caverna. Caçou para nós. Jamais infringiu um preceito da nossa Lei.

- Há ainda uma coisa, ajuntou Bagheera. Por êle paguei o preço de um touro gordo, preço que foi aceito. O valor dum touro não é grande, mas a honra de Bagheera vale alguma atenção, concluiu a Pantera Negra com voz macia.

- Um touro! rosnou o bando com desprêzo. Um touro pago há dez anos! Que valem ossos tão velhos?

- E que vale a palavra de honra? replicou Bagheera mostrando os dentes alvíssimos. Bem, bem, sois o Povo Livre...

- Nenhum filhote de homem pode viver com as criaturas da Jângal, urrou Shere Khan. Dai-mo!

- Ele é nosso irmão em tudo, exceto no sangue, gritou Akela, e ainda assim quereis matá-lo! Na verdade sinto que já vivi muito. Alguns de vós sois comedores de gado; de outros sei que, instruídos por Shere Khan, vão pela calada da noite roubar crianças na aldeia. Covardes, todos, para covardes estou falando. Sei que preciso morrer e, embora nenhum tenha coragem de atacar-me, ofereço minha vida em troca da deste filhote de homem. Pela honra da Alcatéia, porém – embora honra pouco valha aqui - prometo que, se deixardes que o filhote de homem siga o seu destino, não arreganharei os dentes quando um de vós vier tomar-me a vida. Morrerei sem lutar. Isto salvará ao bando pelo menos três vidas. Mais não posso fazer. Assim, salvar-vos-ei da vergonha que será matar um irmão contra o qual nada se alega de criminoso - um irmão que já foi defendido neste Conselho e cuja vida foi resgatada por preço aceito por todos, de acôrdo com a Lei da Jângal!

- Ele é um homem, um homem, um homem! urrou a Alcatéia, da qual a maioria apoiava Shere Khan.

Ao ouvir isso o tigre entrou a sacudir a cauda.

- O negócio está agora contigo, disse Bagheera a Mowgli. Nada mais «temos» a fazer, senão lutar.

Mowgli ergueu-se de pé, com a panela de fogo nas mãos. Estendeu os braços, cheio de raiva e mágoa de ter sido lobo tanto tempo e só agora haver percebido o quanto os lobos o odiavam.

- Ouvi! gritou êle. Basta de discussão de cachorro! Muito já me dissestes esta noite para provar que sou homem (a mim que desejava ser lobo toda a vida...), de modo que estou realmente convencido de que sou homem. E como sou homem, não vos chamarei mais irmãos e sim «sag» (cães), como dizem os homens. O que ireis fazer ou não, é lá convosco. O que farei, é comigo - comigo, o homem, que aqui traz uma braçada daquela Flor Vermelha que vós, cães, tanto temeis!

Isto dizendo, Mowgli derramou as brasas no chão, ateando em chamas um tufo de ervas secas. A Flor Vermelha ergueu-se violenta, em línguas vivíssimas, fazendo a Alcatéia recuar aterrorizada, enquanto Mowgli acendia um feixe de galhos com o qual traçou um círculo de fogo em torno de si.

- Estás senhor da situação, murmurou Bagheera em voz baixa. Salva Akela da morte. Foi sempre teu amigo,

Akela, o severo lobo que jamais pedira mercê, lançou um olhar de indizível expressão ao menino da Jângal, ao rapazinho nu, de cabelos caídos sobre os ombros, cuja sombra, criada pelas chamas, dançava no chão.

- Bem, gritou Mowgli correndo os olhos em torno. Vejo mesmo que são cães. E, como são cães, vou-me para a minha gente. A Jângal ficará fechada para mim; esquecerei a vossa língua e a vossa companhia de tantos anos. Serei, porém, mais generoso do que o sois. Porque fui durante dez anos vosso irmão em tudo menos no sangue, prometo que, quando me tornar um homem entre os homens, não vos trairei perante êles, como me traístes aqui na Jângal.

E com estas palavras Mowgli esparramou o fogo com o pé, fazendo subir ao céu um repuxo de faíscas.

- Não haverá guerras entre a minha gente e a Alcatéia, mas há uma dívida a ser paga antes que me vá, gritou dirigindo-se para o lado de Shere Khan, que olhava estupidamente para as chamas.

Mowgli avançou para êle corajosamente, agarrou-o pela barba (Bagheera o seguia de perto para o que desse e viesse) e disse:

- Levanta-te, cão! Quando um homem fala, os cães se levantam - levanta-te antes que eu faça a Flor Vermelha crescer em teu focinho!

Shere Khan derrubou as orelhas e fechou os olhos cegado pelo archote de Mowgli.

- Este comedor de bezerros andou dizendo que ia matar-me no Conselho por não ter podido comer-me quando eu era uma criancinha indefesa. Mas nós, homens, sabemos como bater nos cães. Abre essa goela, Lungri, para que te mêtá esse facho pela garganta adentro! berrou o menino, dando com o fogo na cabeça do tigre, o qual saltou de lado, tonto de medo e dor. Pah! Vai-te embora, gato fingido! Mas lembra-te de que na próxima reunião do Conselho, quando eu aqui vier ainda mais homem do que já sou, trarei tua pele sôbre minha cabeça. Quanto ao mais, que Akela permaneça livre e que viva como quiser. Ninguém o matará porque eu *não quero*, estais ouvindo? Não quero! E agora ninguém mais fica aqui sentado, de língua de fora, como se fôssem todos uns grandes personagens. Não passais de cães que eu toco assim: «Passa fora, cambada! Depressa! Chispa! . . . »

E como o facho de fogo estava no máximo da combustão, Mowgli o girou violentamente em redor, dando com êle à direita e à esquerda, fazendo os lobos sumir aos uivos, com o pêlo chamuscado. Apenas permaneceram uns dez, que haviam tomado o seu partido, além de Akela e Bagheera. Mas nesse momento uma coisa esquisita assaltou o coração do menino da Jângal. Vieram-lhe soluços de desespero, ao mesmo tempo que grossas lágrimas lhe brotavam dos olhos.

- Que será isto? exclamou, mal compreendendo o seu estado. Não quero, sinto que não quero deixar a Jângal. Que tenho eu? Estarei morrendo, Bagheera?

- Não, Irmãozinho. Estás apenas chorando pela primeira vez, uma coisa que só os homens costumam fazer. Vejo disso que já és homem, não apenas filhote de homem. A Jângal está realmente fechada para ti, doravante. Deixa que as lágrimas caiam, Mowgli. Chora, chora...

E Mowgli chorou. Sentou-se e chorou, como se seu coração fosse arrebentar - êle que jamais havia chorado em tôda a sua vidinha.

- Sim, irei para o meio dos homens, agora, Mas tenho antes de dizer adeus à minha mãe, murmurou dirigindo-se para a caverna onde Mãe Lôba morava com Pai Lôbo. Lá chorou novamente, abraçado ao corpo peludo da que o criara, enquanto quatro lobinhos novos lhe uivavam ao lado, de tristeza.

- Não me esqueceréis nunca? soluçou Mowgli.

- Nunca, enquanto pudermos seguir um rastro, responderam os lobinhos. Mas aparece ao pé da montanha, de vez em quando. Lá estaremos para brincar contigo.

- Volta logo, disse Mãe Lôba, a olhar enternecida para aquêle estranho filho nu. E jamais te esqueças de que te amei a ti inda mais do que aos meus próprios lobinhos.

- Virei, sim, respondeu Mowgli, e um dia aparecerei de nôvo no Conselho envolto na pele de Shere Khan, Não te esqueças de mim, mãe. Dize a todos na Jângal que jamais se esqueçam de mim. . .

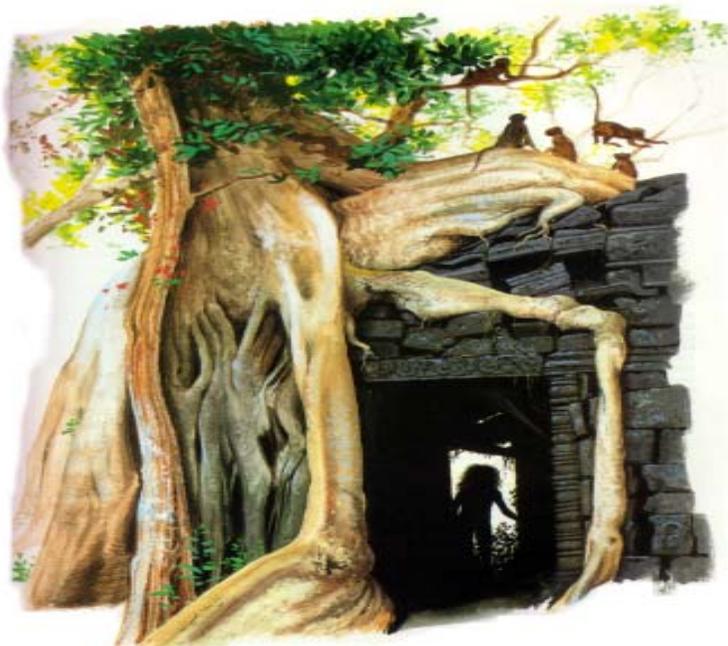
A manhã ia rompendo quando Mowgli deixou a montanha, sozinho, rumo à aldeia onde moravam as misteriosas criaturas chamadas homens.

Canto de caça da alcatéia de Seonee

*Bale o Sambhur, quando desponta a aurora,
uma, duas, três vêzes.
E a corça dá um salto ousado, um salto ousado
Até a lagoa onde bebe o veado.
Isto eu notei agora
uma, duas, três vêzes.*

*O Sambhur bale, se a manhã ralar,
uma, duas, três vezes.
E o lobo eis que recua e o aviso leva
À alcatéia que espera e, pela treva,
Seguimos o seu passo, a ladrar, a ladrar,
uma, duas, três vezes.*

*Quando desperta a aurora, o clã dos lobos ruge,
uma, duas, três vezes.
Oh, pés, na Jângal que não deixam rastros!
Olhos que podem ver pela noite sem astros!
Voz! Sim! Dai-lhes a voz! Escutai Escuta!
uma, duas, três vêzes.*





QUIQUERN

Os povos do gelo Oriental vão se esfazendo como a neve -
Tomam açúcar e café; e os brancos vão ao acompanhar
Mas os do gelo Ocidental só sabem roubar e lutar
Vendem peles no mercado, vendem as almas para o branco.
Os povos do gelo do sul transacionam com os baleeiros
Suas mulheres têm muitas fitas, são laceradas suas tendas,
Mas os povos do velho gelo têm os seus dardos que são feitos
Dos ossas duros no narval e são os homens derradeiros.

Abriu os olhos! Veja. . .

- Ponha-o no ninho outra vez. Vai ser um belo cão. Lá pelo quarto mês nós
havemos de dar-lhe um nome.

- Que nome? perguntou Amoraq.

Os olhos de Kadlu relancearam pela cabana forrada de peles e detive-
ram-se em Kotuko, um menino de quatorze anos que escarvava um botão num
osso de elefante marinho.

- Seja o meu nome, sugeriu Kotuko numa careta, da cama onde se achava
sentado. Precicarei dê-lo um dia.

Kadlu riu-se de lhe desaparecerem os olhos ocultos pelas regueiras das faces gordas e fêz que sim para sua mulher Amoraq, enquanto a mãe do cãozinho uivava de ver o filhote fora do seu alcance, aninhado na bolsa de pele de foca suspensa perto da lâmpada de óleo de baleia. Kotuko prosseguiu na escultura e Kadlu, depois de jogar uma maçoroca de arreios de trenó dentro dum cômodo próximo, sacou fora a sua pesada veste de couro de veado, pendurou-a num osso de baleia acima da outra lâmpada e foi para perto de Amoraq. Lá, sentado numa cama-banco, cortou um naco de foca da panela em que a mulher concluía o jantar do costume - sempre carne cozida e sopa de sangue. Kadlu havia estado fora desde a manhã, a percorrer os buracos de focas existentes a oito milhas dali, tendo trazido três bem grandes. No meio da longa passagem de neve, ou túnel, que ligava o interior da cabana à porta de saída, os cães faziam grande algazarra de latidos e arreganhos, na disputa dos lugares menos frios.

Quando o barulho cresceu demasiado, Kotuko levantou-se sem pressa da sua cama-banco e, tomando um chicote de cabo de barbatana flexível e correia de vinte e dois pés de comprimento, dirigiu-se para lá. Uma dúzia de olhos ansiosos acompanharam-no, ao verem-no aproximar-se duma espécie de jirau de costelas de baleia onde estava suspensa a carne dos cães. O rapaz cortou grandes nacos de carne congelada e foi chamando pelo nome a cada um dos cães, os mais fracos em primeiro lugar - e ai do que se adiantava sem ser chamado! O longo chicote vibrava no espaço qual relâmpago e arrancava dum golpe pêlo e couro ao intruso. Cada cão servido rosnava, abocava a sua porção e corria a esconder-se no túnel, enquanto o rapaz prosseguia na sua distribuição de alimento e justiça. O último chamado foi o robusto chefe da matilha, o qual teve ração dupla, de carne e chicote.

- Ah! exclamou Kotuko enrolando o látigo. Tenho lá perto da lâmpada um filhote que promete muito. *Sarpok!* Entra!

Ao retornar para o interior da cabana, passando por entre os cães em desordem, o rapaz sacudiu com a batedeira de barbatana, pendurada junto à porta, a neve seca que lhe polvilhara as vestes e voltou a reclinar-se na cama-banco. Os cães no túnel ainda roncaram e uivaram por algum tempo; depois meteram-se a dormir, enquanto o último bebê de Amoraq esperneava no berço e a mãe do cachorrinho, deitada ao lado de Kotuko, punha os olhos ciumentos no saco de pele de foca pendurado por cima da lâmpada.

Isto acontecia muito longe, lá no extremo norte, além do Labrador, além do Estreito de Hudson onde as marés amontoam o gelo, ao norte da Península de Melville - ao norte ainda dos Estreitos de Fury e Hecla - na praia norte da Terra de Baffin, na qual a Ilha de Bylot se ergue acima do Estreito de Lancaster como forma de pudim emborcada. Ao norte de Lancaster pouco há conhecido, exceto o North Devon e a Terra de Ellesmere; mas ainda lá, convizinhando o Pólo, vive gente.

Kadlu era um Inoito - ou Esquimó - e sua tribo, umas trinta criaturas ao todo, pertencia ao Tununirmiut - «a terra do fim do mundo». Esta desolada costa figura nos mapas com o nome de Navy Board Inlet, mas sua denominação inoita é mais certa porque realmente fica no fim do mundo. Por nove meses no ano só existe nela gelo e neve e mais vento, com um frio que ninguém pode imaginar. Desses nove meses seis são de noite contínua - e é o que faz o horrível da região. Nos três meses de estio tudo se congela, dia sim dia não, e se regula à noite, com as neves a revestirem as encostas sul. Uns tantos pés de salgueiros árticos emitem seus aveludados botões; o pinhão-de-rato finge florescer; praias de pedregulho fino surgem no mar e pontas de rochedos polidos levantam-se na neve granulosa. Mas isto não dura mais que semanas - e o feroz inverno avança de novo, fazendo que no mar o gelo se rompa ao largo, acumulando-se e apertando-se, chocando-se e fendendo-se até de novo soldar-se numa camada de dez pés de espessura que vai da terra ao mar alto.

No inverno Kadlu persegue as focas até ao extremo desta terra de gelo e as arpoa nos respiradouros, quando sobem à tona. A foca necessita de água aberta para viver e pescar, e no forte do inverno o gelo se perlonga às vezes por oitenta milhas de terra sem só uma rotura. Na primavera Kadlu e sua gente retiram-se dos bancos de gelo para terra firme e armam laços às aves marinhas, ao mesmo tempo que lanceiam as focas novas nas praias. Em seguida dirigem-se para o sul, em caça às renas da Terra de Baffin e em pesca ao salmão dos inúmeros rios e lagos do interior; em setembro ou outubro tomam rumo norte para a caça do mosco e também para a razia habitual nas focas de inverno. Essa movimentação é feita por terra, em trenós puxados por cães que agüentam jornadas diárias de vinte e trinta milhas, ou por mar, em botes de couro chamados «botes de mulher», os quais seguem bordejando as costas. Essas embarcações têm esse nome porque além dos cães e das crianças, que seguem comprimidos entre as pernas dos remadores, levam também as mulheres sempre a cantarolar cantigas enquanto os botes singram de um cabo a outro por sobre a lisa água gelada.

Todos os deleites que os de Tununirmiut conhecem vêm do sul - madeira trazida pelas ondas, boa para a construção de trenós; barra de ferro para arpões; facas de aço; panelas de ferro muito melhores que as antigas feitas de pedra-sabão; pedras de isqueiro e também fósforos e fitas vermelhas para o cabelo das mulheres, e espelinhos baratos e cadarços para debrum dos jalecos de pele de veado. Kadlu vendia para os Inoitos do sul o precioso chifre do unicórnio e o ainda mais precioso dente do môsco, de valor igual ao das pérolas; os Inoitos do sul os revendiam aos pescadores de baleia e missionários dos estreitos de Exeter e Cumberland; de modo que uma panela comprada por um cozinheiro de bordo no Bhendy Bazaar, muitas vezes ia terminar seus dias sobre uma lâmpada do óleo de baleia lá nas profundezas do Círculo Ártico.

Kadlu, bom caçador, possuía arpéus de ferro em abundância, facas de cortar neve, fiskas de arremêso e tudo mais que facilita a vida nas zonas

congeladas. Era o cabeça da tribo ou, como lá dizem, «o homem que tudo sabe pela prática». Isto, entretanto, não lhe outorgava nenhuma autoridade, exceto para, de quando em longe, intimar os seus amigos a mudarem de campo de caça; já Kotuko se mostrava um tanto imperioso, à moda indolente dos Inoitos, quando outros rapazes vinham jogar bola à luz da lua ou cantar a Cantiga das Crianças, dedicada à Aurora Boreal.

Aos quatorze anos um Inoito sente-se homem; por isso andava Kotuko farto de fazer armadilhas para as aves marinhas e ainda mais de ajudar as mulheres a lidar com focas e peles de veado, enquanto os homens permaneciam na caça. O sonho de Kotuko era penetrar no *qaaggi*, Casa das Cantigas, onde os homens se reuniam para celebrar mistérios ou vê-los celebrar pelo *angedkok*. Esses feiticeiros apavoravam a assistência com ataques de possessos, ao apagar das lâmpadas, quando o espírito das renas espinoteava sobre os tetos; ou assombravam-na com arremêso de dardos dentro da noite, os quais retornavam embebidos em sangue. Kotuko ardia por meter-se em grandes botas, com ar cansado dos chefes de família, e ir jogar com os caçadores, à noite, a espécie de roleta que usam, feita de tampa de lata. Havia cem coisas que Kutuko desejava fazer, mas os grandes riam-se dizendo:

- Espere que a moleira feche. Caçar não é mamar.

Agora que seu pai lhe havia dado um cachorrinho, as coisas pareciam melhores. Um Inoito não sacrifica um cão de boa estirpe, dando-o ao filho, se não lhe reconhece a capacidade de condutor de trenó - e Kotuko estava mais que certo de ser um condutor de trenó tão bom como outro qualquer.

Se o cachorrinho não possuísse uma constituição de ferro teria morrido por excesso de agarramento e conchego. O menino fizera-lhe um pequeno arreio e o conduzia pelas rédeas dentro de casa, gritando; «Aua! Já au!» (Vira à direita), «Choiachoi! Já choiachoi!» (Vira à esquerda), «Ohaha!» (Pára!). O bichinho não gostava daquilo, mas verificou mais tarde que tais ensaios constituíam a perfeita felicidade, comparados com o que lhe sobreviera. Estava êle um dia sentado na neve, a brincar com o tirante de pele de foca que corria dos seus arreios ao *pitu* que é a correia grande do arco do trenó; súbito, os cães já atrelados partiram e o cãozinho viu o pesado trenó de dez pés mover-se atrás de si e lançar-se pela neve além, enquanto Kotuko ria de chorar. Dias e dias seguiram-se de cruel chicote, a silvar no espaço como o vento no gelo, e toda a matilha o mordeu, como castigo de ainda ignorar o seu trabalho; além disso os arreios o incomodavam e não mais lhe era permitido dormir com Kotuko, tendo de arrumar-se como podia nos piores lugares do túnel. Foi um bem mau tempo para o cachorrinho.

Kotuko aprendia depressa, tão depressa quanto o cachorrinho, embora um trenó tirado a cães seja veículo de difícil manejo. Cada animal leva o seu tirante próprio, que passa sob as pernas dianteiras e vai ter à correia grande,

onde é amarrado com uma laçada de fácil desenlace. Isso se faz necessário porque os cães ainda sem experiência deixam muitas vezes que o tirante lhes corra por debaixo das pernas traseiras e ferem-se horrivelmente. Também é comum os cães se «visitarem», isto é, procurarem durante a corrida pôr-se ao lado dos amigos, saltando por cima dos tirantes. Há brigas, então, com o resultado de se embaralharem todos como linhas de anzol. Tais perturbações evitam-se com o uso científico do chicote. Cada rapaz Inoito se orgulha de ser mestre na arte de manejá-lo; mas se é fácil acertar com a ponta do comprido chicote um alvo fixo marcado no chão, é bem difícil alcançar com ele um cão efusivo, quando o trenó desliza a tôda a velocidade. Se o condutor grita o nome dum cão que está «visitando» e acidentalmente acerta com o látego em outro, os dois incontinenti se atacam e a matilha inteira para. E se o condutor viaja com um companheiro e põe-se de conversa, ou mesmo se canta em solo, os cães logo se detem, voltam-se e sentam-se para ouvir a conversa ou a cantiga. Kotuko dirigiu o trenó algumas vezes, embora esquecendo-se de freá-lo quando a matilha parava; daí muita desordem e muita correia rompida, até que pudesse tomar conta duma matilha de oito em trenó não muito pesado. Quando isso aconteceu, Kotuko sentiu-se elevado à categoria de pessoa de alta conseqüência, e sôbre gelos macios voou com a velocidade duma alcatéia em corrida livre. Afastava-se até dez milhas em procura dos buracos de foca e quando chegava ao campo de caça desatava o tirante correspondente ao cão negro, que era o melhor caçador da matilha. Logo que o cão negro farejava um respiradouro de foca, Kotuko emborcava o trenó e o ancorava no gelo por meio dum par de chifres de rena próprios para isso, bem fincados no chão. Em seguida, aproximava-se do buraco da foca, a arrastar-se pelo gelo cautelosamente, e ficava à espera até que o animal viesse à tona. Lançava-lhe então a fisga presa à corda e incontinenti puxava a carcaça até ao trenó. Era um momento de grande excitação na matilha presa aos arreios; os cães espumejavam e espinoteavam com ladridos furiosos, enquanto Kotuko, manejando o látego como os domadores de leões manejam a barra de ferro candente, defendia a carcaça da foca até vê-la bem congelada. Voltar para casa constituía o mais pesado da tarefa. O trenó sobrecarregado tinha de romper o gelo aspero e os cães amiúde sentavam-se olhando famintamente para a carga, em vez de puxá-la. Finalmente alcançavam a trilha batida de trenós que levava ao aldeamento, e então voavam sobre o gelo que ringia, de cabeças baixas e caudas erguidas, enquanto Kotuko entoava o Canto do Caçador que Volta sob os aplausos de todas as cabanas.

Quando Kotuko-cão, atingiu pleno desenvolvimento, passou a gozar melhor vida. Primeiro lutou pela primazia entre os demais e, vencedor de todas as lutas uma por uma, teve de atracar-se por fim com o cão negro, até ali chefe não discutido. Venceu-o e passou a ser o primeiro, Kotuko-rapaz, amigo do «fair play», deixou que tudo corresse pelo natural. Desse modo foi Kotuko-cão promovido a Chefe, com lugar marcado cinco pés à frente de todos os outros; era seu dever impedir lutas, separar contendores, tanto no serviço como fora dele; e como marca de distinção foi metido em seu pescoço um pesado colar

de fios de cobre. Em certas ocasiões era alimentado dentro da cabana com carne cozida, e noutras tinha licença de dormir na cama-banco de seu senhor. Tornou-se um ótimo cão foqueiro, e também sabia «amarrar» um «muskox», correndo-lhe em torno, a latir, até que o caçador viesse. Kotuko-cão chegava até - e isto constitui o máximo para um cão de trenó - a enfrentar o magro lobo ártico, que os cães, do Norte temem acima de tudo. Kotuko-cão e Kotuko-rapaz não davam confiança ao resto da matilha e caçavam juntos dia e noite; um, ferozmente envolvido em peles; outro, todo pêlos compridos, presas agudas e ar selvagem. Tudo quanto um Inuito tem que fazer se resume em caçar alimentos e peles para si e sua família. O mulhério reduz as peles a roupas e ocasionalmente lida com armadilhas para a apanha de caça miúda; mas o grosso da alimentação tem que ser provido pelos homens - e os Inuitos comem enormemente. Se o suprimento escasseia, não há onde comprar coisa nenhuma, nem a quem pedir nada de empréstimo. Sobrevêm fome e morte.

Mas um Inuito não pensa nisto antes de chegado o momento. Kadlu, Kotuko e Amoraq, e ainda o menino que Amoraq tinha ao seu lado na bolsa-berço de peles, sempre a chupar nacos de baleia cozida, constituíam uma família feliz como a que mais o fosse em qualquer parte do mundo. Vinham duma estirpe meiga - um Inuito raro bate numa criança - desconhecadora da mentira e ainda menos do latrocínio. Consideravam-se felizes com se manterem vivos no coração daquela gelidez infinita. E riam-se - riam o seu riso oleoso - e entrecontavam histórias de fantasmas à noite, e comiam até rebentar, e entoavam a cantiga sem fim «Amna aya, aya amna, ah! ah!» enquanto as mulheres remendavam roupas.

Um terrível inverno, porém, veio traí-los. Os Tununirmiut haviam voltado da pescaria anual do salmão e erguido suas cabanas de neve no gelo precoce da ilha de Bylot, prontos para a caça às focas logo que o mar congelasse. Mas o outono se mostrou feroz. Todo o mês de setembro decorreu com vendavais de neve que quebravam a camada em formação do «gelo de foca» quando mal atingia a espessura de quatro ou cinco pés, e forçavam esse gelo para a terra, amontoando-o em barreiras enormes por vinte milhas mais de extensão. Sobre ele era impossível deslizarem trenós. A beirada do banco de gelo onde os Tununirmiut costumavam pescar as focas no inverno ficava assim a vinte milhas de distância e, pois, fora de alcance. Apesar disso puderam agüentar-se à custa dos estoques de salmão congelado e baleia, e ainda com o que lhes caiu nas trapas. Em dezembro um dos caçadores encontrou num *tupik* (barra-ca de pele) três mulheres e uma menina quase à morte; os homens, que com elas vieram do Norte, haviam perecido numa caçada de unicórnio. O mais que Kadlu pode fazer foi distribuir as mulheres pelas cabanas dos da sua tribo. Um Inuito jamais recusa socorro a estranhos, não sabendo o que poderá vir a acontecer a si próprio um dia. Amoraq tomou a menina, então nos quatorze anos, como uma espécie de criada. Pelo corte do seu capuz pontudo e das pernas de couro de veado verificou-se que procedia de Ellesmere. Menina ingênua. Jamais tinha visto panelas estanhadas nem trenós de madeira; mas

tanto Kotuko-cão como Kotuko-rapaz engraçaram-se dela.

Por esse tempo já todas as raposas haviam emigrado para o sul e até a «wolverine», essa cabeçuda ladra da neve, não se deixava cair nas trapas de Kotuko. Quando uma foca era por acaso caçada, Kotuko-cão saltava de alegria e, com o tirante a arrastar-se atrás de si, ajudava Kotuko-rapaz a pô-la no trenó, sob as vistas da matilha enfuriada.

Uma foca não durava muito, porque cada bôca no pequeno aldeamento tinha direito ao seu pedaço, e não deixava de si isca de ossos, pele ou muxiba. A parte dos cachorros era tomada pelos humanos, tendo Amoraq de alimentar a matilha com pedaços de couro velho, arrancados ao forro da cabana - e os cães uivavam cada vez mais famintos. Pela luz das lâmpadas feitas de pedrasabão podia-se prever como a fome estava próxima. Nas estações normais, quando o óleo de baleia abunda, a luz dessas lâmpadas em forma de bote jorra em chamas de dois pés de altura - alegre, oleosa; bem amarela. Agora só alcançava umas seis polegadas; Amoraq tinha o cuidado de diminuir o pavio de musgo logo que uma brilhava mais do que o mínimo possível - e os olhos de toda a família acompanhavam o movimento das suas mãos previdentes. O horror da fome durante os grandes frios árticos não é tanto morrer, como morrer no escuro. Os Inuits apavoram-se com o escuro que os submerge sem pausa durante meio ano; e logo que as lâmpadas entram a ser encurtadas de pavio, a alma das criaturas ressentem-se, perturbada e inquieta.

Mas o pior estava ainda por sobrevir.

Os cães mal alimentados latiam e abocavam-se tristemente nos túneis de neve, enfiando as estrelas frias e farejando os ventos. Quando esse ruído por instantes cessava, caía sobre tudo um silêncio sólido e pesado como neve que se amontoa à porta, e as criaturas humanas podiam ouvir o pulsar dos seus próprios corações, que pareciam bater alto como os tambores dos feiticeiros. Certa noite Kotuko-cão, que estivera particularmente tétrico dentro dos arreios, saltou de brusco e veio apoiar a cabeça aos joelhos de Kotuko-rapaz. Kotuko deu-lhe tapas amigos, mas o cão principiou a empurrá-lo dali, brandicioso. Então Kadlu pulou da cama e, agarrando a cabeça vulpina do cachorro, olhou-o nos olhos fixamente, Kotuko-cão, com a cabeça presa entre seus joelhos, forcejou por escapar-se. Os pelos eriçaram-se-lhe no pescoço e ele roncou como se alguém estivesse à porta; depois latiu alegre, rebolou pelo chão e mordeu a bota de Kotuko como se fosse um cãozinho novo.

- Que será isso? indagou o rapaz, já com medo.

- Doença, respondeu Kadlu. A doença de cachorro. Kotuko-cão ergueu o focinho e latiu várias vêzes.

- Nunca o vi fazer assim. Que será? indagou de novo Kotuko, Kadlu foi buscar

o seu arpéu mais afiado. O cão que o olhava e continuava a latir, meteu-se de súbito pelo túnel, fazendo que todos se afastassem do caminho. Fora, no escampo de neve, entrou a latir furiosamente como se estivesse na pista dum môtco, e sempre latindo sumiu-se ao longe, de salto em salto. Não era hidrofobia a sua doença, mas simplesmente loucura. O frio e a fome, e sobretudo a escuridão, haviam transtornado a sua cabeça - e quando um caso desses surge na matilha toda ela se toma de contágio. No dia seguinte, durante a caça, segundo cão apresentou os mesmos sintomas - e teve de ser morto por Kotuko. Depois chegou a vez do cão negro, velho chefe da matilha; subitamente alucinou-se com um rasto imaginário de rena e, quando foi desligado do *pitu*, atirou-se pela geleira além, a arrastar o tirante, tal qual Kotuko-cão havia feito. Depois disto não houve mais caçadas de trenó. Os cães iam ser guardados para «outra coisa» e sabiam disso; e embora recebessem alimento junto às estacas onde foram amarrados, tinham os olhos cheios de desespero e pânico. Para agravamento de males, uma velha começou a contar histórias macabras, dizendo que havia encontrado o espírito dos caçadores mortos no outono - o que era prenúncio de coisas mais horríveis ainda.

Kotuko ressentia-se mais da perda do seu cão favorito do que do resto; porque se um Inuito come enormemente, também sabe suportar todas as privações quando é necessário. A fome, entretanto, a escuridão e o frio acabaram por derruí-lo, fazendo-o ouvir vozes inexistentes e ver com o rabo dos olhos coisas fantásticas. Certa noite, em que se despira das perneiras de caça depois de dez horas de espera inútil num buraco de foca, ao fazer-se de volta para o aldeamento, tonto e exausto, parou para descansar e recostou-se a um bloco de pedra equilibrado ao de leve, Seu peso rompeu o equilíbrio e fêz o bloco rolar fragorosamente. Kotuko saltou de banda a tempo de evitar um de-sastre, mas perdeu o pé e lá rolou atrás da pedra, por um declive abaixo.

Foi demais para Kotuko. Havia sido educado na crença de que cada rocha tinha sua dona, geralmente uma espécie de Mulher-Coisa de um olho só, chamada *tornaq*, e estava certo de que quando uma *tornaq* desejava ajudar um homem rolava para perto dele dentro de sua casa de pedra e lhe pedia que a tomasse como espírito protetor. (No degelo do verão há muito desmoronamento de pedras em consequência do acúmulo de gelo, de modo que se torna facilmente compreensível como a crença em pedras vivas se formou.) Kotuko ouviu o rumor do sangue a circular-lhe no ouvido e teve a idéia de que era a *tornaq* da pedra que lhe falava. De volta à cabana firmou-se na certeza de que tinha tido uma longa conversa com uma *tornaq* e, como lá todos admitiam o fato como possível, ninguém o contradisse.

- Ela me falou: «Eu rolo, eu rolo do meu lugar na neve! » gritava Kotuko na cabana em penumbra, com os olhos arregalados. Ela disse que seria meu guia. Amanhã sairei à caça e a *tornaq* me guiará.

O feiticeiro da aldeia apareceu e Kotuko contou-lhe tudo novamente.

- Siga o *tornait* (espírito das pedras) e teremos de novo alimento, sugeriu o *angedkok*.

A menina do Norte, que Amoraq recolhera, vivia perto da lâmpada, comendo muito pouco e falando ainda menos; mas quando Kadlu na manhã seguinte preparou para Kotuko um pequeno trenó sem cães e o proveu com a tralha de caça e quanta carne de baleia ou foca foi possível reunir, a menina tomou um dos tirantes e pôs-se intrépidamente ao lado do rapaz.

- Tua casa é minha casa, murmurou ela, logo que o pequeno trenó de osso se fez a caminho pela horrível noite ártica adentro.

- Minha casa é tua casa, respondeu Kotuko; mas acho que vamos indo os dois para a terra de Sedna.

Sedna é a Senhora do Inferno. Os Inoitos crêem que quem morre passa um ano no horrível país de Sedna, antes de ir para Quadliparmiut, a Feliz Mansão, onde nunca neva e renas gordas acodem a um simples chamado.

No aldeamento o povo reunido comentava em altas vozes: «A *tornait* falou a Kotuko. Ele vai de novo trazer-nos focas!» Esse vozeio se perdeu na distância fria e escura, enquanto Kotuko e a menina caminhavam ombro a ombro rumo ao Oceano Polar, firmes no tiro do trenó de víveres. Kotuko insistia em que a *tornaq* lhe ordenara que fosse para o norte - e para o norte seguia ele, guiado pela estrela que chamamos Grande Ursa e os Inoitos, Tuktudjung, a Rena.

Nenhum europeu pode fazer cinco milhas diárias sobre o gelo convulso e espedaçado; mas aquêles dois conheciam bem o jeito de levar o trenó através de todos os obstáculos, depressões ou ressaltos do terreno.

A menina ia calada, de cabeça baixa, com a longa pelagem do seu capuz de arminho a lhe esconder a face larga e escura. Acima deles o céu mostrava-se dum intenso negro de veludo, que descaía para avermelhado na linha do horizonte. Grandes estrelas brilhavam como lampiões de rua. De tempo em tempo uma vaga esverdeada das Luzes do Norte rolava pelo oco do céu, palpitava como um pendão e desaparecia; ou um meteoro brilhava nas trevas deixando atrás de si um chuveiro de faúlhas. Nesses momentos Kotuko e a menina podiam ver a atormentada irregularidade do banco de gelo pintalgar-se de estranhas cores - vermelhos, acobreados e violáceos; mas fora desses breves instantes o débil alarado das estrelas dava a tudo o mesmo uniforme e cinério tom gris dos gelos.

O banco, já o dissemos, fora atormentado pelos vendavais do outono até tornar-se como um terremoto congelado. Rasgavam-no erosões e ravinas, e esfuracavam-no buracos; massas de gelo novo se soldavam à superfície;

blocos de velho gelo negro, que passadas tormentas haviam incorporado ao banco, soerguindo-se de novo; «boulders» arredondados alternavam com cristas rasgadas pela neve que o vento arrasta, ou covancas -de gelo afundado, medindo trinta ou quarenta acres de área. Duma certa distância olhos inexperientes tomariam blocos de gelo por focas, walrus, trenós emboçados ou homem em expedição venatória, quando não o próprio Espírito do Urso Branco, que tem dez pernas; mas a despeito destas formas fantásticas, como que prestes a se revelarem em vida, nenhum som se fazia ouvir. Nem o mais remoto eco dum som. E através de tamanho silêncio e de tanta solidude, com apenas jactos de luz a brilharem e a desaparecerem, o trenó e seus dois condutores moviam-se como sombras de pesadelo - um pesadelo - um pesadelo de fim de mundo, lá no fim do mundo.

Quando os dois aventureiros se cansavam, o rapaz construía o que os caçadores chamam «meia casa», uma ligeira toca de neve na qual se alapavam com a lâmpada de viagem, a fim de degelar um pedaço de foca. Depois de comidos e dormidos, a marcha prosseguia - trinta milhas diárias em reta para o norte. A menina conservava-se silenciosa, mas Kotuko dizia coisas para si mesmo ou rompia em cantigas que aprendera na Casa dos Cantos - cantigas de estio, cantigas da rena e do salmão, todas horrivelmente impróprias naquele momento.

Kotuko declarava ter ouvido a *tornaq* sussurrar-lhe coisas, e que em seguida a vira subir em volada louca para um pequeno monte de gelo, falando alto e com ameaças. Para dizer a verdade, Kotuko pisava já a beira da loucura; mas a menina tinha a certeza de estar sendo guiada pelo espírito guardião e de que tudo acabaria a contento. Não se surpreendeu, por isso, ao termo do quinto dia de marcha, quando Kotuko lhe disse, com os olhos a arderem como bolas de fogo, que a *tornaq* os estava seguindo através da neve, sob forma dum cão de duas cabeças. A menina punha os olhos onde o dedo de Kotuko apontava e de fato via qualquer coisa esgueirar-se dentro das ravinas. Não tinha essa qualquer coisa jeito humano, mas todos sabiam que o *tornait* prefere aparecer sob a forma de urso, foca e outros animais.

Talvez fôsse o Espírito do Urso Branco de Dez Pernas; mas a tortura da fome havia abalado de tal maneira a cabeça dos dois, que o testemunho dos seus olhos não merecia fé. Nada haviam caçado até aquele momento, nem sequer descoberto traço de coisa viva. A carne trazida de reserva não duraria mais que uma semana, e um vendaval de neve vinha vindo. Uma tempestade polar pode rugir durante dez dias sem esmorecimento, o que significa morte para quem está fora de casa. Kotuko ergueu uma toca de neve, suficientemente ampla para abrigá-los e ao trenó de víveres; quando estava a afeiçoar como fecho de abóbada o último bloco de gelo, percebeu uma Coisa a olhar para êle do alto duma elevação, a meia milha distante. O ar embaciado não o deixava ver bem, mas a Coisa parecia ter quarenta pés de comprimento por dez de altura, com uma cauda de vinte; seu corpanzil tremia como geléia. A menina

também viu aquilo, mas em vez de gritar de pânico apenas murmurou muito naturalmente:

- É Quiquern. Que virá depois?

- Quer falar comigo, disse Kotuko, e a faca de neve que tinha na mão veio por terra tal o seu tremor; isso porque um homem, embora se julgue em amizade com um espírito, raramente deseja a sua aproximação.

Quiquern é o fantasma dum gigantesco mastim sem dentes e sem pêlo que a imaginação inoita faz morar no Norte, unicamente visível quando grandes coisas estão prestes a acontecer. Grandes coisas, boas ou más, e por isso nem os feiticeiros gostam de referir-se ao Quiquern. É o causador da loucura dos cães. Semelhante ao Espírito do Urso Branco, o Quiquern tem diversos pares de pernas extra - seis ou oito - e aquela Coisa que dali viam a mover-se na bruma tinha realmente mais pernas do que as naturais num são de carne e osso. Kotuko e a menina meteram-se na toca precipitadamente.

Se acaso o Quiquern os quisesse pegar, fácil lhe seria destruir aquêlê abrigo; mas a sensação duma parede de neve metida entre eles e o horrível escuro valia por imenso conforto.

A tempestade veio. O vendaval entrou-se de uivos, como silvos de trem, e nisso ficou durante três dias e três noites, contínuo, uniforme, sem aumentar nem diminuir um ponto. Os dois murados alimentavam amiúde a lâmpada de pedra-sabão colocada entre seus joelhos e lambiscavam a meio aquecida carne de foca, com os olhos no teto onde se ia acumulando a fuligem negra - e assim durante setenta e duas intermináveis horas. A menina deu balanço na reserva de carne: daria para muito pouco tempo. Ao verificar isso os olhos de Kotuko pousaram sobre a ponta de ferro do seu arpão e sôbre o dardo de arremêso. Nada mais restaria a fazer.

- Breve iremos ter com Sedna - muito breve, murmurou a menina. Em três dias eu lá estarei. Mas será que a tua *tornaq* não faz nada? Canta-lhe um canto de *angedkok*, a ver se ela aparece.

Kotuko principiou a cantar no tom agudo dos feiticeiros, e seu canto coincidiu com o amainamento da tempestade. No meio da cantiga a menina moveu-se, pôs a mão calçada de mitenes fora da toca e depois a cabeça. Kotuko seguiu o seu exemplo e os dois, ajoelhados, ficaram a entreolhar-se, de ouvido atento. Kotuko lascou uma barbatana da armadilha para aves que viera no trenó e fincou-a verticalmente no gelo. Era como uma agulha de bússola e, já agora, em vez de ouvir, puseram-se ambos a olhar. A barbatana vibrou por uns instantes; depois vibrou mais forte por vários segundos e parou; vibrou de novo, desta vez inclinando-se numa certa direção.

- Muito cedo para o gelo quebrar! murmurou Kotuko.

Deve ser algum grande banco que se partiu longe daqui.

A menina apontou para a barbatana e meneou a cabeça.

- É a quebra do gelo, sim, disse ela. Ponha o ouvido no chão. A terra bate.

De ouvidos colados ao solo, ambos perceberam os mais curiosos ruídos, aparentemente debaixo deles. Às vezes, tumor semelhante ao de um cachorrinho novo gemendo perto da lâmpada; depois, barulho como de pedra a esfacelar-se no gelo duro; depois, ruído como de tambores cavos; mas todos esses sons foram-se apagando e breve o silêncio voltou.

- Não iremos ter com Sedna, disse Kotuko. O gelo está quebrando. *A tornaq* enganou-nos, vamos morrer.

Aquilo soava a absurdo, mas ambos estavam realmente diante dum perigo sério. A longa tempestade havia impelido as águas profundas da Baía de Baffin para o sul, arremessando-as de encontro à terra de gelo que vai da Ilha de Bylot para oeste. Também a forte corrente que existe a este do estreito de Lancaster carregava em seu seio milhas e milhas de «pack-ice» - gelo britado grosso que não se solda, o qual bombardeava o banco, ao mesmo tempo que a inchação do mar provocada pela tormenta o ia minando. O que Kotuko e a menina estiveram a ouvir não passava dos longínquos ecos desse bombardeio a trinta ou quarenta milhas dali, suficientemente fortes para fazerem vibrar a barbatana.

Dizem os Inuitos que quando o gelo desperta, depois do longo sono do inverno, ninguém sabe o que vai acontecer, porque os bancos mudam de forma tão rapidamente como às nuvens. A borrasca fôra evidentemente uma borrasca de primavera vinda antes do tempo e, depois, tudo era possível.

Apesar disso os dois pequenos aventureiros sentiam-se mais confortados do que antes. Se o banco de gelo se quebrasse, estariam findos a sua longa espera e mais sofrimentos. Espíritos, duendes - todo o povo-feiticeiro regirante no gelo atormentado podia, dum momento para outro, arrastá-los para a mansão de Sedna, em companhia de toda a sorte de Monstros. Quando deixaram a toca de neve, logo depois de passada a borrasca, o rumor longínquo fez-se ouvir num crescendo.

- Lá está ela nos esperando! disse Kotuko.

No topo da elevação a Coisa de oito pernas continuava na mesma atitude de três dias antes - e desta vez a uivar horripelmente.

- Vamos segui-la. Talvez a Coisa saiba dalgum caminho que não conduza ao país de Sedna, propôs a menina, tropeçando de fraqueza ao tomar o tirante.

A Coisa afastava-se agora lentamente pelo espinhaço da elevação e êlés puseram-se a segui-la, enquanto ao longe o rumor de trovoadas recrescia. O banco fendera-se em várias direções, e grandes pedaços de dez pés de espessura, uns medindo poucas jardas de diâmetro, outros alcançando área de vinte acres quadrados, emergiam de arranco, desapareciam e surgiam de novo sobrepostos uns aos outros, à medida que a furiosa inchação do mar os forçava para a frente. Este gelo com movimento de aríete era como a primeira coluna dum exército que o mar lançasse contra o banco. O seu incessante impacto quase encobria o rumor das lâminas do «pack-ice», jogadas contra o banco uma empós outra, como cartas de baralho agilmente corridas no pano verde. Onde as águas eram mais rasas, essas chapas se empilhavam sobrepostas, até que as de baixo alcançassem o fundo de lama, a cinqüenta pés de profundidade, e forçassem toda a massa a mover-se mais para a frente. Além deste catadupejar de chapas de gelo, o vento furioso e as correntes marinhas estavam carreando verdadeiros icebergs - montanhas de gelo - arrancados da Groelandia ou da parte norte da Melville Bay. Flutuavam solenes, com as ondas a se quebrarem alvas em derredor, e avançavam para o banco, quais naves do tempo antigo, de velas enfunadas. Um iceberg, que parecia pronto para levar diante de si o mundo, esborrachava-se ao dar à costa e revirava, desfazendo-se em espumas e estilhas, enquanto um muito menor, ou menos saliente, se metia pelo banco qual cunha, e o rasgava fundo, erguendo toneladas de gelo de cada lado e só se detendo depois dum avanço de meia milha. Outros vinham como cutelos, e rasgavam canais; outros desfaziam-se num chuva de esquirolas e blocos de dezenas de toneladas, que rolavam por entre os seios do banco; outros erguiam-se da água, premidos por baixo e tombavam de banda. Este contínuo precipitar de massas flutuantes, a erguerem-se e mergulharem-se e montarem umas sôbre as outras, assumindo todas as formas possíveis, prolongava-se pelo mar adentro até onde os olhos podiam alcançar. Donde estavam Kotuko e a menina, a confusão mostrava-se apenas como um movimento inquieto do mar; mas constantemente lhes chegava aos ouvidos aquele trom contínuo, qual artilharia grossa em descargas dentro do nevoeiro. Isso significava que o banco de gelo estava sendo empurrado contra os arrecifes da ilha de Bylot, terra que lhes ficava atrás.

- Nunca vi acontecer coisa assim, disse Kotuko, de olhos arregalados. Não é tempo de o banco arrebeitar.

- Siga aquilo, disse a menina apontando para a Coisa que à sua frente se movia, cambaleante e confusa. E ambos seguiram-na, conduzindo o trenó, enquanto mais e mais perto ressoava o trovejar do gelo. Por fim o terreno abriu-se em fendas de todos os lados - fendas que arreganhavam bocarras de lobo - exceto lá onde a Coisa se detivera, num amontoado de blocos de gelo velho, alguns com cinqüenta pés de altura. Nenhum movimento daquele lado. Kotuko rumou para lá, arrastando a menina. O marulho estrondeante do gelo em derre-

dor recrescia, mas aquêle amontoado se mantinha imoto. Kotuko fez um movimento de ombros que na mímica inoita significa terra firme.

E terra firme realmente era o ponto para onde a Coisa de oito pernas os atraía - alguma ilha de pedra com praias recobertas de gelo, de modo que ninguém do banco podia adivinhar o que fosse. Terra firme, sim, não mais gêlo movediço! Os esmagar-se dos bancos de gelo que contra ela batiam marcava-lhe de destroços na periferia, e uma corredeira amiga escachoava rumo norte, erguendo lado a lado o gelo, como um ferro de arado faz com a terra. Havia sem dúvida perigo de que algum bloco se projetasse sôbre a praia e recobrisse a ilha; isso aliás não preocupou aos dois meninos, que se puseram a fazer nova toca de abrigo, enquanto o bombardeio da praia seguia o seu curso. A Coisa havia desaparecido e Kotuko, ao acocorar-se diante da lâmpada, entrou a falar do seu poder pessoal sobre os espíritos. Súbito, no meio desse desvario, a menina começou a rir, balançando-se para diante e para trás.

Perto dela, esgueirando-se de agacho para dentro da toca, vinham duas cabeças, uma negra e outra amarela, pertencentes a dois dos mais envergonhados cães que ainda existiram. Eram Kotuko-cão e o antigo líder negro da matilha. Ambos gordos e com ótimo aspecto, já sarados da perturbação mental, mas ligados um ao outro da mais estranha maneira. Quando o líder negro fugiu do aldeamento levava consigo os arreios. Encontrou-se com Kotuko-cão e certamente lutaram, a coalheira que trazia ao peito enganchou-se na coleira de cobre do outro, e de tal modo que não houve separarem-se. Ficaram, porém, com liberdade de movimentos para caçarem cada qual ao seu lado - e a abundância de caça lhes curou a loucura.

A menina empurrou os dois envergonhadíssimos cães para o lado de Kotuko, exclamando ainda a torcer-se de tanto rir:

- Eis o Quiquern que nos trouxe o salvamento. Veja a cabeça dupla e as oito pernas!...

Kotuko desligou-os, e ambos atiraram-se sobre ele, como para explicar como haviam readquirido o equilíbrio mental. A mão do rapaz, correndo-lhes pelas costelas, verificou como estavam roliços e de boa pelagem.

- Eles encontraram comida, disse Kotuko, todo risos. Não iremos à terra de Sedna tão cedo. Minha *tornaq* foi a autora de tudo. A loucura abandonou-os.

Logo que os dois cães mataram bem matadas as saudades, os dois pequenos aventureiros, que tinham dormido, corrido e padecido juntos durante semanas, também se lançaram nus braços um do outro e rolaram pela neve como em luta.

- Cães famintos não se atacam, disse por fim o rapaz.

Estes dois encontraram focas. Vamos dormir. Nós também encontraremos comida.

Logo depois viram abrir-se água na praia norte da ilha, com todo o gelo arremessado terra adentro. O rumor das ondas fêz-se ouvir - um rumor que constitui o que há de mais deleitoso para os ouvidos dum Inoito, visto como significa a chegada da primavera. Kotuko e a menina deram-se as mãos e sorriram: o marulho das ondas, no meio do gelo afinal entreaberto, lembrava-lhes o tempo das pescarias de salmão, a caça da rena e a floração dos salgueiros árticos. O mar principiava a dar espuma por entre os pedaços flutuantes de gelo, e no horizonte já avermelhava o clarão do sol submerso. Não um erguer-se de sol como o conhecemos - mas sim um como bocejo que apenas dura minutos. Estava marcada a passagem do ano.

Kotuko encontrou logo depois os cães atacadados em luta ao lado de uma foca recém-caçada, que ali aparecera atrás dos peixes que as borrascas sempre tonteiam. Foi a primeira de umas vinte ou trinta que vieram ter à ilha no decurso daquele dia; também o mar se enchia delas - centenas de cabeças negras emergiam alegres em redor dos gelos boiantes.

Os dois aventureiros regalararam-se de novo com fígados de foca e encheram as lâmpadas de gordura nova, deixando que a chama subisse bem alto. Depois carregaram o trenó e, já auxiliados pelos cães, rumaram para a aldeia na velocidade máxima, receosos do que por lá pudesse estar acontecendo. O tempo mostrava-se ainda cruel; apesar disso, é sempre mais fácil conduzir um trenó bem cheio de caça fresca do que caçar com o estômago vazio. Ficaram ali na praia, enterrados no gelo, vinte e cinco carcaças de focas abatidas, e os quatro trotaram alegres para a aldeia. Os cães serviram de bússola e, embora não houvesse pontos de referência, o instinto os levou em dois dias para a casa de Kadlu. Quando ao chegar Kotuko berrou - «Ojo !» (carne cozida) , vozes fracas responderam. Foi passada em revista a pequena comunidade: não faltava ninguém.

Uma hora depois na casa de Kadlu todas as lâmpadas fumegavam, vividas, e sobre as chamas derretia-se a neve; breve as panelas entraram a ferver e àquele desusado calor os tetos gotejaram água. Amoraq preparou uma refeição para a aldeia toda. O seu filhote de berço pode chupar a vontade um naco de toucinho e todos os caçadores comeram com metódica lentidão, até se entupirem de carne de foca. Kotuko e a menina contaram a aventura, com os dois cães sentados na frente - e sempre que o nome dum deles vinha à balha ambos enfiavam as orelhas e mostravam-se envergonhadíssimos consigo mesmos. Um cão que sara da loucura jamais recai, dizem os Inoitos, e, pois, estavam aqueles livres de qualquer reincidência.

- Como vocês vêem, a *torraq* não nos esqueceu, disse Kotuko. A tempestade rugiu, o gelo quebrou-se e às focas apareceram na pista do peixe assustado

pela tormenta. Temos agora inúmeros buracos a menos de dois dias de distância. Os caçadores poderão partir amanhã para trazer as que deixamos enterradas no gelo - vinte e cinco! Depois de comidas essas teremos inúmeras outras à nossa espera.

- Que está fazendo? perguntou o feiticeiro a Kadlu, que era o mais abastado dos Tununirmiut.

Kadlu olhou para a menina do Norte e calmamente respondeu:

- *Estamos* construindo uma casa, e apontou para o lado da cabana onde os filhos casados sempre moram.

A menina levantou as palmas, com um movimento de cabeça desaperaçado. Era uma estranha, acolhida por caridade e nada poderia oferecer como dote, disse.

Amoraq imediatamente se ergueu do banco onde se achava e principiou a lançar objetos no colo da menina - lâmpadas de pedra, raspadeiras de pele, caçarolas estanhadas, peles de gamo bordadas com dentes de «muskox» e agulhas para lona, das usadas pelos marinheiros - o mais belo dote que ainda foi visto naqueles confins do Círculo Ártico. A menina do Norte curvou-se numa reverência até tocar o chão com a testa.

- Estes também! exclamou Kotuko fazendo um sinal aos cães, que vieram pousar seus focinhos frios no colo da noiva.

- Ah! exclamou o *angedkok*, tossindo um pigarro de importância como se fosse ele o promotor de tudo aquilo. Logo que Kotuko deixou a aldeia eu fui ter à Casa dos Cantos e cantei um cântico mágico. Cantei-o durante noites e noites. *Meu* canto fez vir a borrasca que rompeu o gelo e nos restituiu os cães. *Meu* canto fez surgirem as focas no gelo quebrado. Meu corpo ficava imóvel no *qaaggi*, mas meu espírito voava sobre os gelos e guiava Kotuko e os cães em tudo quanto fizeram. Eu, eu consegui isso.

Cansadas e sonolentos como todos se achavam ninguém se deu ao trabalho de contradizê-lo; e o *angedkok*, em virtude do ofício, meteu os dentes em outro naco de carne cozida e tratou de dormir naquela boa cabana quente, bem iluminada e toda a recender azeite de foca.

Mais tarde Kotuko, que desenhava muito bem à moda dos Inoitos, escarvou a história destas aventuras numa lâmina de marfim, com um furo na extremidade, e quando, junto com a menina, se dirigiu para a Terra de Ellesmere, no ano do Admirável Inverno, deixou o trabalho de arte com Kadlu. Kadlu o perdeu por ocasião dum desastre do seu trenó, certo estio, na praia do Lago Netilling, em Nikosiring, e um Inoito dessa região o achou e vendeu a um

homem de Imigen, que era interprete de uma baleeira do estreito de Cumberland. Este homem, por sua vez o vendeu a Hans Olsen, que mais tarde subiu a quartel-mestre dum grande navio que levava turistas para o Cabo Norte, na Noruega. Quando a estação de turismo chegou a termo, êsse navio foi posto na carreira Londres-Austrália, com escala por Ceilão - e aí Olsen deu a um joelheiro cingalês o marfim de Kotuko em troca de duas safiras falsas. Por fim eu fui encontrá-lo num ferro velho de Colombo - e o traduzi dum extremo a outro.

«Angutivaun taina»

*Nossas luvas são rijas de sangue gelado
E nossas peles são duras de neve -
Nós voltamos com à foca, sim, com a foca
Dos bordos das banquisa leve.*

*Au jana! Aua! Oha! Haq!
E a turma dos cães caminha...
Os homens voltam - os relhos fazem clic-clac,
Voltam da banquisa marinha.*

*Agarramos a foca, agarramos a foca
Em seu secreto lugar.
Nós fizemos a marca e ficamos vigiando
Ao bordo da banquisa do mar.*

*A lança erguemos quando quis se alçar,
Nós a empurramos para baixo
E deste modo foi que nós a trucidamos
Ao bordo da banquisa do mar.*

*Nossas luvas se colam de sangue gelado,
Nossos olhos com a lívida neve.
Logo retornaremos a nossas mulheres,
Nós deixaremos a banquisa leve.*

*Au jana! Aua! Hac! Oha!
E a turma dos cães caminha,
As mulheres percebem nossa volta
Dos bordos da banquisa marinha.*





1- Os Irmãos
de Mowgli
- Quiquern

2 - As Caçadas
de Kaa
- Toomai dos
Elefantes

3 - Como apareceu
o medo
- Jacala,
o crocodilo

4 - O Milagre de
Purun Baghat
- Servidores da
Rainha
- Tigre! Tigre!

5 - Kotick, a Foca
Branca
- Os Cães Vermelhos

6 - O Avanço da
Jângal
- Rikki-Tikki-Tavi

7 - A Embriaguez da
Primavera
- O Ankus do Rei